

RESENHA:**A relação esporte-homofobia sob o olhar interdisciplinar*****The relation sport-homophobia under an interdisciplinary perspective***

Por: Wagner Xavier de Camargo

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, (UFSC). Pesquisador em Programa Sanduíche na “Freie Universität von Berlin” (Alemanha). Email: wxcamargo@gmail.com

ANDERSON, Eric. **In the Game**: gay athletes and the cult of masculinity. New York: State University of New York Press, 2005. 208 p.

Em tempos de “escândalos” frequentes no mundo esportivo heterossexual, onde jogadores de futebol “saem do armário” e se assumem publicamente homossexuais, o livro de Eric Anderson torna-se referência central para pensar a problemática esporte-homofobia. Sob os holofotes da psicologia e da sociologia, o autor se utiliza também do *background* no mundo esportivo como ex-atleta e ex-técnico a fim de entretecer sua análise. A obra é dividida em dez capítulos, e à exceção do último, todos possuem como introito histórias de atletas, entrevistados por ele durante cinco anos.

Isto posto, resta dizer que o livro é um constructo erigido num campo de forças, em que se situam a paixão e a decepção ao esporte, do ponto de vista do autor/protagonista. Embebido em sua história, ao mesmo tempo convencional (de todo e qualquer atleta) e especial (por ser homossexual e no *closet* esportivo), Anderson exercita o árduo esforço do distanciamento de sua condição para desvelar dilemas do mundo do esporte relacionados a (homo)ssexualidades e (homo)fobias, na paradoxalidade entre um “eu-atleta” e um “eu-gay”, figuras distintas mas igualmente seres desejantes. Ao passo que o autor revela-nos o culto à masculinidade, sua produção e reprodutibilidade a escalas infinitas no cenário esportivo heteronormativo, aponta-nos possibilidades de fuga, saídas de um labirinto construído na esteira da modernidade.



Portanto, de modo bastante articulado na introdução, o autor resgata o cenário da campanha presidencial americana de 1992 — quando o debate sobre “gays nas forças armadas” estava no topo da agenda política (como está, inclusive, ainda atualmente) —, a fim de discutir a homofobia na sociedade e problematiza: se há gays (ou se imagina que existam) nas forças armadas, porque não haveria em outras instituições similares, como por exemplo, nos esportes. Portanto, se a suposição está correta, nesses também estarão contidos problemas vividos na sociedade, tanto em relação às (homo)ssexualidades, às políticas do *don't ask, don't tell* (não pergunto, não responda) — presentes nas forças armadas —, quanto às regras rígidas da masculinidade (hegemônica). Dessa forma, no capítulo 1 inicia com um “aquecimento básico” relativo ao tema, onde discutirá a conexão entre o esporte e a homofobia. A questão da ortodoxia das formas de masculinidade é tão forte e disseminada no âmbito esportivo que, aparentemente, imagina-se anulada a possibilidade de coexistência de atletas gays nesse espaço. Contudo, eles lá estão, e tal fato desafia nossa compreensão. Para o autor, a arena esportiva permanece como uma das “maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais” (p. 14) e, paradoxalmente, os corpos jovens, torneados, sexualizados e altamente masculinizados provocam estímulos homoeróticos em esportistas, que independente de suas orientações sexuais, sentem-se atraídos¹. Portanto, a homofobia no esporte emerge para anular o homoerotismo e, quando se torna extrema, previne o “ataque heterossexual” sobre seus prazeres auto-estigmatizados.

Em seguida, num dos momentos-chaves de discussões teóricas (capítulo 2), traz a contribuição de conceituais sociológicos, que examinarão a construção da masculinidade heterossexual e como o binômio de dominação/opressão participaria desse processo². O autor busca compreender porque os gays mantêm a estrutura masculinista na instituição esportiva. Um fator fundamental que provoca isso é a cultura. Nela não apenas valores são inculcados (por exemplo, na escola secundária e na universidade as características atléticas são mais importantes do que as

¹ Essa é uma clara influência de Brian Pronger (1990), que considera que o (homo)erotismo na atmosfera dos vestiários esportivos masculinos faz emergir desejos e prazeres latentes, tanto em homossexuais quanto em heterossexuais. A questão é de quem dará vazão a tais sensações. Vale ressaltar também interessantes estudos sobre homoerotismo que analisam a “cultura do vestiário” (*locker room culture*) (CURRY, 1991; ENG, 2006).

² Utiliza o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci. O primeiro teórico a utilizá-lo no campo dos Estudos Gays e Lésbicos foi Robert Connel, em 1987, com *Gender and Power*.

acadêmicas), como os processos hegemônicos, que capacitaram o esporte a reproduzir atributos sociais valorativos/depreciativos, operam com o aval da própria cultura. Interessante constatar que a hegemonia masculina do esporte (como valor necessário para “homens”) é tão persuasiva que passa despercebida pelo exame crítico daqueles que são oprimidos por ela, dentre os quais estão, curiosamente, os *gays*. É nesse capítulo também que estabelece as distinções entre **capital masculino** (ser durão, não ser feminino, sensível ou homossexual), **masculinidade hegemônica** (capital masculino hipertrofiado, além de ser branco, homem, heterossexual, hábil, atlético, atrativo) e **masculinidade ortodoxa** (capital masculino, mas não hegemônico), categorias de análise empregadas por ele no caso dos atletas *gays* de elite.

Tendo por tarefa examinar o porquê dados pesquisadores consideram o esporte como monoliticamente homofóbico, o autor vai começar com a “Relação entre Atletas Gays e Esporte”, seu terceiro capítulo. A estória de Aaron, atleta *gay* canadense no *closet*, ilustra como ainda é forte a presença bastante engajada de homossexuais no esporte, que persistem em provar suas masculinidades e sexualidades. O paradoxal, para o autor, é que tal engajamento no esporte (e, conseqüente reconhecimento) não necessariamente desencadeia o processo de *coming out*. Esse “sair do armário” é mais complexo do que se imagina, pois leva a assumir uma identidade (sócio-sexual) totalmente nova³. Se atletas *gays* podem se superar no nível mais alto do esporte, isso significa que desvelam a falácia sob a qual a masculinidade heterossexual é edificada. Portanto, Anderson diz que a homofobia (velada ou explícita no discurso das instituições) é o “remédio” contra tal ataque. A homofobia não só é uma forma de resistência contra a invasão da subcultura *gay* no esporte, como funciona como elemento mantenedor da masculinidade ortodoxa e patriarcal. E o antídoto seria a contestação, subversão (*queering*) da estrutura do esporte em que *gays* participam. Por isso acredita, de modo “utópico”, que os atletas *gays* tenham agenciamento cultural e que, de dentro da estrutura esportiva, poderiam subvertê-la.

No capítulo 4, Anderson continua suas teorizações e analisará o que designa por “sistema de reprodução masculina”. Para ele, o esporte mantém-se fiel na

³ Pronger (1990) já havia dito que o *coming out* no esporte muda a “natureza” da masculinidade heterossexual e, além disso, desafia a instituição masculinista/masculinizante do esporte como um todo.

produção de sua “ortodoxia conservadora de gênero” (p. 65), e por isso, pergunta-se como, em tempos de diminuição da homofobia cultura e institucional, o esporte consegue se manter fiel na produção de uma ideologia de gênero homofóbica e conversadora?

Para responder tal provocação, há que se analisar três fatores imbricados, quais sejam, 1) o esporte é uma instituição “quase”-total, onde atletas dificilmente escapam de seus ditames e se privam de suas vidas pessoais e sociais (além de se castrarem sexualmente) em prol dos valores relacionados ao alto nível esportivo e à performance atlética⁴; 2) o esporte é uma instituição segregadora de gênero, isto é, por um lado, ele oferece aos atletas *gays* um álibi para não se relacionarem com mulheres e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de vivenciarem um ambiente de homoerotismo. De outra parte, a privação do sexo, a separação de alojamentos e a divisão binária de provas em eventos esportivos serviriam como argumentos oficiais de uma arena viril e altamente sexista, onde as mulheres devem ser protegidas da violência, da força e da performance masculinista dos atletas⁵; e 3) o esporte é um sistema de *looping* fechado, onde há falta de auto-exame crítico e reforço contínuo daquilo que sempre é valorizado: os que são menos adaptados fisicamente e não tão suficientemente masculinizados se retiram ou são cortados, desencorajados a prosseguirem, ao passo que, os que permanecem possuem excepcional habilidade atlética e alta adequação à masculinidade ortodoxa desejada. Esses, após brilharem em suas carreiras (solos ou coletivas), retornam na condição de técnicos esportivos, reforçando um discurso povoado de experiências excepcionais e reiniciando o “*looping*” de formação de “novos varões atléticos”, desejados pelos padrões heteronormativos em vigor.

A partir da identificação das lógicas de reprodutibilidade de valores masculinistas no esporte, Anderson discutirá, exatamente, o processo de “saída do armário” (*coming out*) de atletas de elite. Nesse capítulo 5, explora bastante o depoimento de seus entrevistados. Dos 40 atletas *gays*, somente um encontrou intolerância frente à notícia do *coming out*. Por isso, o autor salienta que tal situação

⁴ Argumenta, todavia, que o esporte não é uma instituição total pelo simples fato de que os atletas, enquanto detentores de agência, poderiam subverter as regras e leis inerentes a ele (apesar de reconhecer que isso não acontece na prática).

⁵ Um ponto importante destacado é que, em esportes que ele denomina “dessegregadores” (como o *cheerleading*), os esportistas desenvolvem uma forma de explicitação das masculinidades baseada menos na misoginia e na homofobia do que na maioria das disciplinas esportivas.

contradiz os argumentos sustentados de medo de violência física. Os atletas *gays*, para ele, têm medo porque “athletics are intrinsically violent” (p. 82), mormente em esportes de contato. Entretanto, para ele, tal medo é infundado, pois: a) o esporte não é sempre abertamente homofóbico e b) o senso de perseguição e de potencial violência é propagado em meios de comunicação, sendo potencializado. Isso tem consequências, como destaca: aos *gays* é relegado o *status* social de “segunda classe”, e o silêncio quanto à questão da sexualidade faz com que minorias sexuais não só sejam subrepresentadas, como não tenham a liberdade social de que gozam atletas heterossexuais. O *coming out* público, quando acontece, nem sempre traz um alívio e a linguagem homofóbica na(s) equipe(s) continua⁶. E *gays* esportistas bem sucedidos, seja por pressão, reconhecimento ou negação, permanecem no “armário” de suas modalidades.

No capítulo 6, por sua vez, o autor reconhece que os atletas *gays* não se encaixam na definição hegemônica de masculinidade por causa de suas sexualidades, mas mesmo assim utilizam seus capitais masculinos como moeda de troca e “visto de permanência” naquela definição. Dessa forma, destaca que o primeiro modo de acessar o capital masculino é apresentar excelente performance atlética, para ser visto e percebido como um dos “homens do grupo”. Portanto, haverá tolerância na arena hipermasculinizada do esporte — tanto por parte de da equipes e dos técnicos — se o atleta *gay* abdicar de sua subjetividade e trazer ganhos financeiros para o clube através de seu desempenho. Isso leva à conclusão, segundo ele, que para a homossexualidade de um atleta não ser uma questão no time, o mesmo precisará aderir tanto quanto possível à masculinidade ortodoxa.

Nessa linha de argumentação é trazido o debate — em certo sentido bem atual — sobre a política do *don't ask, don't tell* (capítulo 7), expressão presente nas forças armadas americanas e coadjuvante dos silêncios estabelecidos. O capítulo explorará como o discurso homofóbico e de normalização no esporte abafam (e mesmo neutralizam) o potencial transformador dos comportamentos, discursos e identidades *gays*. O silêncio sobre a orientação sexual faz com que atletas *gays*

⁶ Assim como o autor destaca que o uso da palavra *fag* em inglês tem uma conotação mais pejorativa e um tom mais inquisitório do que o vocábulo *gay*. No Brasil é perceptível o uso corrente no universo esportivo da palavra “veado”. Pode se entender tal chamamento, nas falas de atletas, como “covarde” ou “frouxo”, além da conotação implícita de dúvida sobre a orientação sexual daquele a quem o xingamento é proferido.

sejam co-autores de sua subordinação e, além disso, confirma a heterossexualidade como uma sexualidade pública e a homossexualidade como uma questão privada.

No capítulo 8, Anderson elenca e considera os fatores que influenciam as atitudes homonegativas e homopositivas relacionadas aos *gays* no esporte. Dentre àqueles que podem ser positivos estão a figura decisiva do técnico esportivo e as redes sociais de suporte (como amigos, namorados e familiares); os que jogam papel duplo são as atitudes institucionais, prejudicando ou ajudando, dependendo do contexto; e os que pesam contra, como a “raça” — pois, para ele, se o *coming out* é difícil para atletas brancos, para os considerados “de cor” (negros, mulatos, indígenas, amarelos) é pior⁷ —, a natureza e origem dos esportes e mesmo as questões relativas à religiosidade.

No conjunto, o capítulo 9 é essencial dentro da obra, uma vez que vai analisar o cenário das masculinidades no mundo esportivo profissional e sua relação com os atletas *gays*, bem como destacar a institucionalização da homobobia nesse espaço. Assim, a homossexualidade no esporte profissional é um assunto controverso e, quando explicitada, provoca fissuras no sistema que se pretende homogêneo. O medo de um atleta *gay* profissional é tão grande quanto o que dele é exigido e, portanto, mais confortável será permanecer no *closet*⁸. Para o autor, grande parte do problema está assentada na vida pública do “ídolo” esportivo e sua relação direta com os meios de comunicação de massa. Além disso, há todo um entorno que se faz presente (como árbitros, juízes, massagistas, etc.) e que igualmente é afetado. Os atletas podem mostrar rendimento esportivo (que é um atenuante), mas tais profissionais não têm escolha⁹.

⁷ Segundo destaca há um outro elemento associado à cor: a renda ou pobreza. Atletas pobres vão continuar no *closet* se dependerem de bolsas esportivas para sobreviverem. E mais: só deixarão o “armário” se estiverem vinculados à uma comunidade branca, não dependerem de financiamento para os estudos, não dependerem de “comunidade de cor” para sobreviver, mantiveram algo capital masculino em suas equipes e tiverem suporte institucional de seu técnico (Cf. pp. 130-133).

⁸ Ele cita técnicos da NFL (National Football League), que sustentam que o atleta se mantenha no *closet* se quiser continuar jogando e ainda a política da MBL (Major Baseball League), a qual proíbe os jogadores de sair do “armário”, com o argumento de não prejudicarem suas respectivas equipes.

⁹ Anderson postula em outros termos: quem pode e quem não pode transgredir barreiras sociais: “the contextual juxtaposition between the athletes (who enforce the homophobia) and the ancillary participants (who are victimized by it), highlights that those who possess higher social currency are permitted to transgress societal boundaries while those who do not are allowed no transgressions” (p. 144).

Como desfecho, há o capítulo 10, que decepciona: é uma “cartilha” para quem está envolvido na problemática da homossexualidade no esporte, de como fazer algo a respeito, seja enquanto atleta ou outro agente. Isso não apenas confere um caráter utilitarista ao livro — aplicação dos achados investigados em uma experiência de papel “terapêutico” — como minimiza a importância das questões teóricas discutidas.

Afirmando-se um “forte credor” das políticas identitárias (p. 6), em alguns momentos o autor deixa transparecer o ideário de construção de uma “encíclica” de sua redenção: o que se passou com ele, provavelmente, acontecerá com muitos e ali, naquele texto, estão os passos para que tal processo (penoso) não volte a ocorrer. O sentido generalizante e de “verdade suprema”, em alguns momentos, é inconveniente, mas se compreende a partir do lugar de que escreve: ex-atleta e ex-técnico. O tom mais sofisticado fica por conta da escrita sociológica, obviamente. Uma aspiração um tanto utópica — porém pertinente — é a de que tendência na redução (rápida) da homofobia cultural poderá causar grande impacto, tanto no sistema sexo/gênero, quanto no modo como a masculinidade é construída.

Tendo já apontado deslizos e contribuições, a obra pode ser referência para pesquisadores que procurem inter cruzar temáticas como gênero e esporte, bem como é acessível para um público de não especialistas. Vale como literatura e também como material de pesquisa e de apoio didático. A conferir!

Referências:

CONNEL, R. **Gender and Power**. Palo Alto: Stanford University Press, 1987.

CURRY, T. Fraternal bonding in the locker room: a profeminist analysis of talk about competition and women. **Sociology of Sport Journal**, v.8, n.2, p.35-119.

ENG, H. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, J. (ed.). **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p.49-61.

PRONGER, B. **The Arena of Masculinity**: sports, homosexuality, and the meaning of sex. New York: St. Martin's Press, 1990.

Resenha:

Recebido em: 02/10/2010

Aceito em: 03/11/2010